

Cosmovisão e Escatologia: norteadores para uma teologia pública reformada

Thomas Magnum¹³⁰

Introdução

Vivemos tempos de efervescência no que tange ao assunto que temos diante de nós nesta ocasião, cosmovisão cristã. A cosmovisão tem aspectos variados no que refere-se a sua formação ou configuração. Há questões espirituais, psicológicas em termos experimentais, questões cognitivas, questões religiosas... são fatores variados que formam uma cosmovisão ou cosmovisões. Na verdade não temos apenas uma cosmovisão.

O que é cosmovisão?

Então, cosmovisão é a percepção todo abrangente em relação a vida, não apenas para análise, mas como norma norteadora, cosmovisão tem a ver com ética e moral. É como vivemos com base em princípios e pressuposições.

Existem aspectos subjetivos e objetivos na cosmovisão, o que permite-nos dizer que não temos apenas uma cosmovisão, mas que em nós há mais de uma cosmovisão e que na verdade há guerra de cosmovisões, não apenas na cultura secular, mas, dentro de nós. Num contexto cristão o aspecto objetivo deve ser a norma da vida cristã que pressupomos ser a Bíblia. Os aspectos subjetivos são relacionados as nossas experiências pessoais, familiares, traumas, realizações, êxitos, derrotas.

¹³⁰ Thomas Magnum é pastor congregacional. Atualmente compõe a equipe pastoral da 1ª IEC em Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. Bacharel em Teologia com concentração em ministério pastoral (Ceteo); Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Uninabuco); Licenciatura Plena em Filosofia (Faculdade Santa Fé); Mestre em Estudos Teológicos (M.S.T) e Doutorando em Ministério (D.Min) pelo Mints.

Escatologia

No que se refere a escatologia, como questões últimas ou o que se refere a consumação, isso está intimamente ligado com cosmovisão. Visto que na estrutura básica de uma cosmovisão há os pilares da criação, queda, redenção e consumação; a escatologia é a parte final do processo redentivo de restauração, é a libertação da criação que geme querendo redenção, é a revelação dos filhos de Deus, para suar a linguagem paulina em Romanos 8.

Teologia Pública

O que vem a ser a teologia pública? E como cristãos devem aplicá-la? Vamos aqui definir pontos importantes para chegarmos a um conceito reformado de teologia pública.

1. Primeiro, que a teologia pública não é especificamente apologética, a defesa da fé é uma ferramenta de testemunho para evangelização e para a construção de defesas doutrinárias para ataques externos e internos à ortodoxia da igreja, mas não é completamente dissociada da apologética.
2. Segundo, que a teologia pública não é especificamente teologia política, mas é mais abrangente que teologia política e inclui esta. Visa observar os princípios políticos aplicados na lei de Deus que dialogam com culturas posteriores.
3. Terceiro, Teologia Pública, podemos dizer, tem a ver, em primeiro lugar, com a observação e análise da apostasia cultural que emerge nas sociedades como frutos de construções filosóficas para domínio ideológico, em segundo lugar, a teologia pública está comprometida com o fato de que a teologia não refere-se apenas ao estudo de Deus em seu ser em termos de abrangência e singularidade, mas, em sua relação com a criação de modo amplo, de modo revelacional baseado na verdade de Deus que deve ser aplicada a sua criação.
4. A teologia pública não leva para o campo público questões relacionadas a relações e ensinos internos da igreja, como a regularidade da ceia, modo de batismo ou tipos de governo. A teologia pública pronuncia-se diante do mundo, mostrando a relação necessária do Criador e da criatura e como todas as criaturas devem viver conforme as leis criacionais de Deus inicialmente e também dar ouvidos a revelação redentora para salvação da alma.
5. Teologia Pública aplica a verdade revelada de Deus a todos os âmbitos da cultura. Demonstrando a importância da fé e do dogma para a uma vida justa e tranquila.
6. **Por exemplo**, qual é a relação que teologia da trindade tem com a vida comunitária? Que aplicação podemos fazer da doutrina da igreja a questões sociais? Tendo a igreja como a

sociedade de Deus? Questões como a disciplina eclesiástica nos ensina algo sobre o exercício da justiça em campo público e jurídico?

7. A Igreja retratou artisticamente a beleza proveniente da divindade nas artes, seja em pinturas, arquitetura, escultura ou música e literatura. Isso é demonstrar a relevância da fé cristã em âmbitos mais amplos, que ultrapassam a Igreja e a Academia Cristã.
8. No passado para a Igreja Antiga até a modernidade toda teologia era pública. Basta observarmos os tratados e objetivos dos pais da Igreja, dos teólogos medievais, dos teólogos da reforma. Mas, com a ascensão da secularização a religião foi apartada do ambiente público. Em termos estruturais a Bíblia comunica a vontade de Deus para todas as áreas, não como um livro sobre ciências naturais ou tratados filosóficos, mas, com proposições e princípios de sabedoria divina para ensinar, repreender, corrigir e educar o homem em toda justiça.

Por fim, nesta introdução devemos considerar que todo exercício de teologia pública é fundamentado pela dogmática. Assim como afirmou o teólogo Guilherme de Carvalho, as raízes crescem na mesma proporção da copa da árvore. A ampliação de atuação de cristãos em termos públicos deve crescer, mas, a medida que suas raízes teológicas também crescem. Senão teremos desastres hermenêutico-culturais.

Objetivo da palestra

Meu objetivo é fomentar uma reflexão sobre a importância não apenas do engajamento, não apenas em termos de ethos cristão, mas de telos também, isso sendo amplificado para a atuação de cristãos em esferas distintas, discernindo focos idólatras nessas esferas, e aplicando um pensamento solidificado no Evangelho e aplicado a vida pública.

Vamos pavimentar nosso percurso com essas informações iniciais. Para então numa relação interdisciplinar pensarmos em cosmovisão, escatologia e teologia pública.

1. A Importância das Ordens da Criação

R. C. Sproul em “Como posso desenvolver uma consciência cristã?” ter trouxe muita luz a essa questão, ele diz que:

A primeira aliança que Deus fez com a humanidade, foi estabelecida com Adão, que representava toda a raça humana. Nessa aliança, a aliança da criação Deus entrou em um

relacionamento contratual com todos os seres humanos. Por natureza, todo descendente de Adão faz parte da aliança da criação. Este pode não ser um relacionamento de graça, mas, apesar disso, é um relacionamento. A lei que Deus outorgou na criação permanece obrigatória sobre todos os homens. Não importa se eles são religiosos, membros da nação de Israel ou membros de uma igreja local. Há um certo corpo de legislação moral que Deus dá a todos os homens, e é esse corpo de leis que nos interessa, sob o título de aliança da criação. No jardim do Éden, Deus estabeleceu a santidade da vida. Antes de Moisés receber os dez mandamentos, no monte Sinai, a raça humana sabia que matar é errado. Outro princípio é a santidade do casamento. O casamento não é algo que se desenvolveu arbitrariamente, ao longo do tempo. Não é verdade que os seres humanos eram, por natureza, não inclinados a relacionamentos monogâmicos e, depois, por meio de tabus sociais, foram manipulados a formar a unidade da família, que funciona como o ponto central e estável de qualquer sociedade. De que modo isto se aplica à nossa vida diária como cristãos? Sendo o povo cristão, vivemos sob mais uma aliança. Como membros do corpo de Cristo, somos também membros do corpo da criação; ainda estamos sob as leis e as ordenanças que Deus impôs ao homem, como ser criado.

Ele continua, agora aplicando isso a esfera pública com mais contundência:

Precisamos entender que as ordenanças da criação transcendem os limites das leis específicas que achamos na igreja do Novo Testamento. Isso significa que as leis da criação vão além das fronteiras da igreja cristã. Uma das questões mais debatidas em nossa sociedade é a relação entre a igreja e a legislação civil. A aliança da criação estabelece a base pela qual a igreja pode lidar com questões morais na cultura secular. cremos na separação entre Igreja e Estado. Por isso, algumas pessoas dizem que não compete à Igreja lidar com questões morais fora da Igreja. Todavia, não estamos falando sobre impor ordenanças eclesiais à cultura secular. Certamente, haveria uma violação da separação entre Igreja e Estado, se nos tornássemos um grupo de lobistas e tentássemos impor a celebração da Ceia do Senhor a todos os residentes em nosso país. Não podemos impor uma exigência legal a pessoas que vivem fora da estrutura da aliança de onde veio esse mandamento específico, ou seja, a nova aliança em Cristo. E se o Estado não está cumprindo as suas obrigações para com Deus, de realizar as ordenanças da criação? A Igreja é chamada a ser uma voz profética de Deus, em determinada sociedade, e chamar atenção ao fato de que todos os homens estão sob a autoridade dos mandatos da criação.

Aplicações

1. Ao constataremos a posição que cristãos ocupam em termos de testemunho, notamos que ainda temos uma postura muito tímida em termos de teologia pública. Seja no campo das questões sociais como economia e política, seja no campo da arte ou da ciência. Precisamos aprender a aplicar os dogmas cristãos a vida pública? Precisamos desenvolver o pensamento cristão de forma mais articulada e sábia, aplicando a fé cristã. Um exemplo disso é nossa postura política, limitamos nossa atuação política a discussões ideológicas e não cremos que ações políticas também são nossa responsabilidade, como ampliarmos nossa atuação na educação, como nossa mobilização para causas humanitárias também

são ações políticas, discussões sobre questões públicas a luz da palavra de Deus em fóruns, conferências, produção acadêmica também são ações políticas.

2. Privatizamos a moral cristã, a Bíblia dá ordenanças, instituídas na criação para toda a humanidade. Um exemplo teológico importante é o próprio culto público e comunitário a Deus, que é um cumprimento do mandato espiritual, mas, é também o cumprimento do mandato social e cultural. Anunciamos ao mundo quem é o Senhor da Igreja. O Senhor da Igreja é o supremo governante do universo, a Igreja não tem como Senhor, um líder político, um partido, ou uma ideologia. Jesus Cristo é o rei. E rei dos Reis. Diz Apocalipse que ele é o soberano dos Reis da terra.
3. Nos diz o salmo 19 que os céus manifestam a glória do Senhor e o firmamento anuncia a obra de suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia. Nessa declaração do salmo temos extensão de testemunho por todo o cosmos e temos continuidade do testemunho da revelação geral. Onde houver firmamento, há testemunho contínuo sobre o Criador. Embora não haja discurso verbal, há discurso testemunhal na criação. E Paulo diz que os homens são indesculpáveis. Daí a importância de termos diálogos com todos os campos do saber e testemunhar neles a obra de Deus. Investigarmos o livro da criação e demonstrarmos a todos a relevância da fé é, termos sociais é parte de uma teologia pública.
4. O mundo desconhece em nosso tempo o que é o belo. Há uma ligação metafísica entre sublimidade, justiça e bondade que compõe o que é belo. O belo causa impacto, o belo não está nos olhos de quem vê, o belo é metafísico. Nossa era perdeu a percepção do belo. Tanto na artes plásticas, música, literatura, teatro. A Igreja do nosso tempo também perdeu essa noção, basta olharmos para nossas músicas no culto, basta olharmos para a arquitetura dos nossos templos, basta percebermos que a boa arte não faz mais parte da vida da Igreja. Existem causas históricas, que reconheço, tem parte da explicação dessa ausência da observação do belo, mas, há também questões temporais no hoje. Considero que o abandono da meditação cristã e da contemplação tem roubado também nossa afeição ao belo.

2. Sobre Escatologia

1. Nesse ponto desejo fazer observações ou reflexões a partir do Novo Testamento. Escrevi um artigo sobre Cosmovisão e Escatologia em Gênesis, que começo a tratar desse assunto em termos de Antigo Testamento. Mas hoje desejo tratar desse assunto observando os ensinamentos de Jesus, de Paulo. Avaliando cosmovisão e escatologia para uma teologia pública.

2. Os milagres de Jesus apontavam para uma realidade messiânica que havia chegado e apontava para uma questão escatológica. As curas de enfermos e milagres demonstravam também o porvir, quando todo pecado será extirpado. A Igreja geme conforme Paulo disse em Romanos 8, a criação geme e o Espírito geme pela Igreja em interseção. Os milagres tinham uma intensão testemunhal escatológica tanto para aquele tempo como sendo “os últimos dias”, como um testemunho que o rei estava ali e que seu reino consumado será de paz e saúde para as nações.

3. Notamos também em Paulo questões importantes para nosso assunto. Em 1 Ts lemos que aquela igreja tinha um trabalho fiel ou motivado pela fé, um amor que motiva o esforço e a perseverança proveniente da esperança. Vejamos que há aqui uma questão escatológica envolvida. A esperança motiva a perseverança da Igreja. A Igreja vivia em trabalho fiel ao Senhor e amor abnegado. Tudo isso é importantíssimo quando pensamos em termos de restauração cósmica. Onde o amor triunfará, onde iremos trabalhar prazerosamente por toda eternidade desfrutando da esperança que chegou, que agora é algo concreto. O futuro também movia aquela igreja no presente. Causando atitudes e vitalidade no corpo que mudavam formas de viver e de se relacionar.

4. Um outro exemplo que devemos colocar aqui é de Filipenses 2. 5-10, observemos a linguagem de Paulo aqui, consideramos que o texto tem questões poéticas importantes, mas, notemos a escatologia paulina e a cristologia em contraste com império romano. O César era tido como um deus, em toda opulência e soberba imperial - Cristo é humilde, se fez servo, foi obediente até a morte, Deus o exaltou e todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor! Vejamos, Paulo exalta Cristo, como o grande imperador cósmico, percebe que Paulo faz o mesmo em termos públicos no areópago. Lá valendo-se da filosofia e religião ateniense, aqui usando uma linguagem poética para ensinar sobre uma realidade soteriológica, escatológica e política.

5. Para Paulo, Cristo dava significado ao cosmos, a vida e a forma de viver na terra. Vejamos as aplicações que Paulo faz da Suficiência de Cristo a vida no trabalho, casamento, criação de filhos e relações sociais na segunda parte de Colossenses. Cristo transforma nossa forma de viver aqui, vivemos em transformação até alcançarmos a transformação plena, a glorificação.

Aplicações finais

1. Se o evangelho nos ensina a aplicarmos seus princípios a toda vida, isso não é meramente particular. Não temos permissão de termos uma teologia apenas para a devoção particular ou eclesial, mas uma postura pública.

2. Isso não se refere apenas a denúncias de Morais dos ídolos do nosso tempo. Mas demonstrarmos que a boa vida é mostrada por Deus. Sua Palavra nos direciona a sermos mais justos, a louvarmos o Deus da Criação, o amando com nosso coração, mente, forças. Tudo que há em nós deve louvá-lo, em nossas práticas, em nossa profissão, em nossas atividades diversas. Somente a fé cristã pode oferecer justiça devida a um mundo caído. Há respingos da fé na cultura, em nossos sistemas legislativos, mas, a cada dia constatamos o que disse Schaeffer, estamos numa era pós-cristã. E é tempo de entendermos que as igrejas, seminários, instituições cristãs precisam pensar e fazer teologia pública. Não basta apenas lermos centenas de livros sobre cosmovisão cristã, precisamos aplicar o que conhecemos.

Conclusão

Registro por fim, minha alegria em participar dessa conferência. Que Deus continue usando o seminário Jonathan Edwards para sua glória, edificação da igreja e testemunho a todos os povos que Jesus Cristo é o Senhor.